

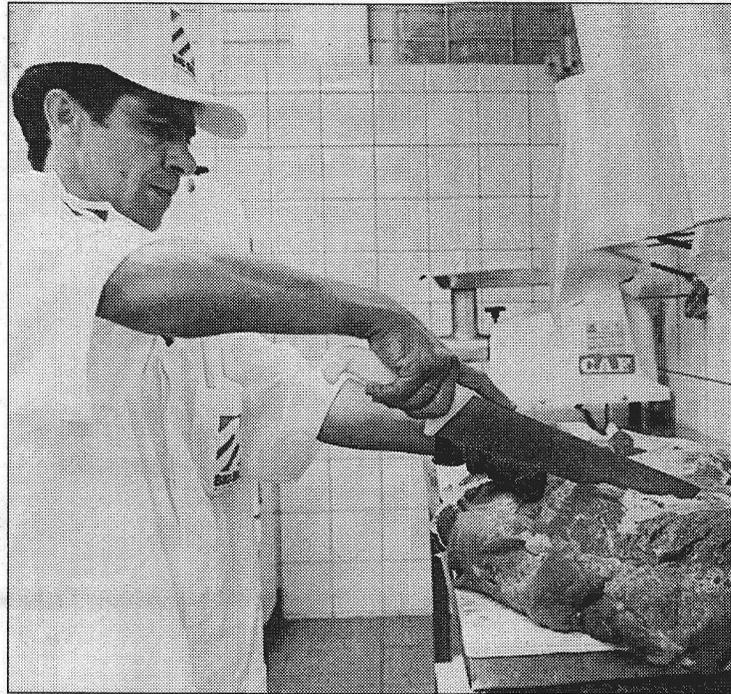
Carne, novo atrito entre DF e Goiás

Sebastião Pedra

O consumidor deve ficar de olho no preço da carne. Uma guerra fiscal entre o Distrito Federal e Goiás pode elevar o custo do produto na ponta final, refletindo direto na mesa do brasileiro. Os frigoríficos goianos respondem por cerca de 80% das cinco mil toneladas de carne consumidas na capital e ameaçam com um aumento proporcional à taxa de 7,5% de ICMS, que o governo do DF passou a cobrar desde 1º de abril.

O secretário da Fazenda do DF, Valdivino de Oliveira, está em Goiânia para participar de um fórum de secretários e coloca a possibilidade de um acordo. "Se Goiás concordar em dar o mesmo peso tributário à carne e ao boi em pé, é possível se fechar um acordo", diz ele.

Valdivino explica que até, agora, os frigoríficos de Goiás e outros estados, como São Paulo, não pagavam nada de ICMS de consumo e tinham um crédito proporcional ao que recolhiam em seus estados. A Portaria 73, de 29 de março último, começou a mudar esta realidade, determinando que o ICMS incidente sobre as operações com carne bovina deve ser recolhido no momento da entrada da mercadoria no DF.



Frigoríficos goianos garantem 80% da carne consumida no DF

Além disso, o GDF reduziu o crédito para os frigoríficos, de 12% para 8,48%. "Com estas duas medidas eles deverão recolher 7,5% do valor para nós. Nós não podemos abrir mão do imposto de consumo", afirma Valdivino.

Segundo o secretário, não é justo os goianos ficarem isentos do ICMS de consumo da carne bovina, quando tributam em

13,2% o boi em pé vendido para Brasília. "Nossos abatedouros estão parados porque não têm como concorrer. Nós pagamos 13,2% pelo boi em pé, enquanto os frigoríficos de lá pagam apenas 3%", lamenta Valdivino. Para ele, é importante incentivar o abate no DF para gerar emprego e reduzir o abate clandestino. "Entra muita carne sem controle sanitário na cida-

de e com o retorno dos abatedouros isso deverá diminuir", avalia Valdivino.

O secretário diz não estar preocupado com um possível aumento da carne para o consumidor. Segundo ele, o preço da carne é uma questão de mercado: "Nós já fizemos outros acertos tributários e não houve aumento nos produtos atingidos".

Para o presidente do Sindicato de Carnes e Gêneros Alimentícios (Sindigênero), Franklin de Oliveira, os açougues de Brasília devem reagir à ameaça de aumento dos frigoríficos goianos. "Se eles aumentarem mesmo o preço vamos buscar outros mercados para adquirir a carne. O consumidor também deve fazer a sua parte e procurar outros produtos como frango e peixe para substituir a carne caso ela fique cara", ensina ele.

Oliveira não vê motivos para aumentos e está orientando os 800 açougues do DF a não receberem carne com preços novos. Para ele, também, a solução seria incentivar o abate de carne em Brasília, viabilizando a compra do boi em pé.

NELZA CRISTINA
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA